



CINEMA GÓTICO

[ciclo segundo]

Covil Bar > Almada-a-Velha

Almada | 8/15 Agosto de 2010



Cinema Gótico

Ciclo segundo

8/15 Agosto 2010
Covil Bar, Almada-a-velha.

Agradecimentos:

António Bajanca e João Fernandes, design;
Luís Pena, espólio; Viriato Teles, web.

Produção:

Nuno Bernardo e José Xavier Ezequiel.

www.outrosolhares.org

CINEMA GÓTICO

Ciclo Segundo

Covil Bar, 8/15 Agosto 2010, Almada-a-Velha

Domingo, 8 - 22 horas HOSTERATU F. W. Murnau, 1922	Quarta, 11 - 22 horas A SEMENTE DO DIABO (<i>Rosemary's Baby</i>) Roman Polanski, 1968	Sexta, 13 - 22 horas DRACULA Tod Browning, 1931	Produção executiva: Nuno Bernardo e José Xavier Ezequiel Agradecimentos: António Bajanca e João Fernandes, design; Luís Pena, espólio. Produção: GUMMAGRAM (Artes e Cultura)
Domingo, 8 - 24 horas ENTREVISTA COM O VAMPIRO Neil Jordan, 1994	Quarta, 11 - 24 horas DRACULA (<i>Horror of Dracula</i>) Terence Fisher, 1968	Sábado, 14 - 22 horas FOME DE VIVER (<i>The Hunger</i>) Tony Scott, 1983	 Covil Bar The Black Dog & Night Owl Travessa da Judiaria, 4-A Almada-a-Velha
Terça, 10 - 22 horas DRACULA de Bran Stoker Francis Ford Coppola, 1992	Quinta, 12 - 22 horas OS OUTROS Alejandro Amenábar, 2001	Domingo, 15 - 22 horas A FELINA (<i>Cat People</i>) Paul Schrader, 1982	
Terça, 10 - 24 horas FAUSTO E O Isidro Ortiz e Los Pura d'els Baus, 2001	Quinta, 12 - 24 horas O CORVO Roger Corman, 1963	Domingo, 15 - 24 horas A SOMBRA DO VAMPIRO E. Elias Merhige, 2000	

© Oficina do Crime // e-dições virtuais
e José Xavier Ezequiel, mmx

ÍNDICE

NO PRINCÍPIO ERA O DIABO	[6]
NOSFERATU, Eine Symphonie des Grauens de F. W. Murnau, 1922	[9]
ENTREVISTA COM O VAMPIRO (The Vampire Chronicles) de Neil Jordan, 1994	[10]
DRACULA de Bram Stoker de Francis Ford Coppola, 1992	[13]
FAUSTO 5.0 de Isidro Ortiz e La Fura dels Baus, 2001	[15]
A SEMENTE DO DIABO (Rosemary's Baby) de Roman Polanski, 1968	[17]
DRACULA (Horror of Dracula) de Terence Fisher, 1958	[19]
OS OUTROS de Alejandro Amenábar, 2001	[21]
O CORVO de Roger Corman, 1963	[23]
DRACULA de Tod Browning, 1931	[25]
FOME DE VIVER (The Hunger) de Tony Scott, 1983	[29]
A FELINA (Cat People) de Paul Schrader, 1982	[30]
A SOMBRA DO VAMPIRO de E. Elias Merhige, 2000	[32]



Definir hoje o conceito de Gótico não é fácil. Começou por se referir à cultura dos Godos, um povo bárbaro que, apesar de não saber ler nem escrever, contribuiu decisivamente para acabar com o Império Romano e foi capaz, entre outros feitos, de colonizar a nossa Península Ibérica. Aí pelo século XVIII começou a designar um certo tipo de arquitectura medieval. Pelo fim desse século foi associado à literatura popular que recuperava essa ambiência medieval, com muitos castelos, fantasmas e antigas maldições. Durante o século XIX o termo evoluiu, por força da cultura romântica que o gótico ajudara a fundar, para uma iconografia muito mais definida e que culmina, em 1897, com a publicação do **Drácula** de Bram Stoker. Desde então, são praticamente impossíveis de catalogar as versões literárias e cinematográficas que se fizeram do vampiro. A sub-cultura gótica, ao contrário de outras tribos urbanas mais ou menos marginais, não se resume hoje a um pequeno grupo tão resolutivo quanto diminuto. Antes pelo contrário. Filmes, livros, roupas e séries de televisão em horário nobre recuperam, mais uma vez, o mito da eterna juventude. Acredite-se ou não, o vampiro está vivo e bem nutrido.

Desde que Murnau filmou o **Nosferatu**, em 1922, a indústria cinematográfica percebeu o filão narrativo e plástico deste mito. Sem palavras é o que este filme ainda hoje deixa o espectador. Com ele começa este ciclo, que contempla todos os grandes marcos do cinema gótico. A serem vistos na esplanada coberta do Covil Bar, muito bem situado na zona histórica de Almada.



NO PRINCÍPIO ERA O DIABO

Ao contrário do que usualmente se pensa, não foi Bram Stoker o primeiro a escrever histórias de vampiros. Na ficção, a primeira abordagem conhecida é de um obscuro médico que, ao serviço do intratável Lord Byron, escreveu **The Vampyre, a tale by the Right Honourable Lord Byron**. Publicá-lo-ia no **New Monthly Magazine** em 1819, dois anos antes de se suicidar. Byron ficou muito incomodado com a sua pretensa autoria e talvez fosse mesmo essa a intenção de John William Polidori.

Depois, nomes tão importantes como Hoffmann (**A Vampira**, 1828), Nodier (**O Bom Vampiro**, 1831), Poe (**Berenice**, 1835), Lautréamont (**Cantos de Maldoror**, 1868) e Oscar Wilde (**O Retrato de Dorian Gray**, 1891), entre muitos outros, remexeram na ideia (consequência natural do gótico iniciado em Inglaterra no século anterior) do morto-vivo que sobrevive à eternidade sugando a vida dos outros.

Contudo, ninguém logrou suplantar Bram Stoker em popularidade com o seu **Drácula** de 1897. Literatura de cordel é ela sem qualquer dúvida. Mas superiormente servida por uma técnica de escrita (todo o

romance é construído com cartas, diários, telegramas, notícias de jornal) invulgarmente eficaz na arte de induzir verosimilhança no domínio do sobrenatural.

Como é mais ou menos sabido, Stoker baseou-se no verdadeiro Conde Drácula (séc. XV), também conhecido por **Vlad o Empalador**, por matar os seus inimigos dessa forma tão pouco contemporânea. Vlad III, Príncipe da Valáquia, ganhou o nome de Drácula (filho do dragão) por pertencer à sacrossanta Ordem do Dragão. Porém, muito talvez por sua causa, em romeno a palavra hoje significa Diabo. A sua crueldade foi tanta que uma terrível lenda se misturou com as ancestrais tradições de vampiros que pululavam na região dos Cárpatos. E assim percorreu os séculos até que Stoker, que nunca pôs os pés na Transilvânia, o usou como modelo.

Stoker era gestor do Lyceum Theatre of London e sempre sonhou levar o romance à cena. Tentou convencer o grande actor vitoriano Henry Irving. Este, depois de o ler, recusou a ideia exclamando – **Que horror**. Azar o dele que, ao contrário do Drácula, passou à história com letra pequena.

Bram Stoker morreu em 1912, antes de ver o seu livro ser apropriado pelo cinema, transformado num dos mitos mais duradouros do mundo contemporâneo e num dos temas mais rentáveis da indústria do entretenimento. Vivificando o mito, o vampiro é por estes dias um ícone que aglutina tribos continuamente renovadas e vende, outra vez muito bem, filmes, séries de televisão, T-shirts, cocktails, noites temáticas e até cerveja em festivais de verão. É como se Bram Stoker, ele mesmo um vampiro, se tivesse tornado imortal à custa do sangue das eternamente jovens legiões de admiradores.



NOSFERATU, Eine Symphonie des Grauens

de F. W. Murnau

c/ Max Schreck, Gustav von Wangenheim
e Greta Schroeder

música de Hans Erdmann

96', p/b tintado, mudo, Prana-Films,
Alemanha, 1922

Domingo, 8/08 – 22:00

Em 1921 estreou em Viena **A Morte de Drácula** (Drakula Halála) do húngaro Károly Lajthay. O filme desapareceu na voragem das guerras, mas os registos asseguram que o título é enganador e que a adaptação tem mais a ver com **O Fantasma da Ópera** de Gaston Leroux que com o **Drácula** de Bram Stoker. O que coloca este **Nosferatu, Uma Sinfonia de Horrores** como a primeira adaptação cinematográfica do romance. Contudo, como Murnau não conseguiu negociar os direitos com a viúva, usou o expediente de lhe mudar o título e os nomes das personagens. Acabou por se ver envolvido num processo judicial que retirou, literalmente, o filme de cartaz. Uma coisa não tira a outra e **Nosferatu** (palavra usada pelo Professor Van Helsing algures no livro) tornou-se o filme fundador das centenas de versões produzidas ao longo dos séculos XX e XXI. E é mesmo (do ponto de vista, não necessariamente do enredo, mas da definição do arquétipo do vampiro) a mais fiel adaptação de Bram Stoker. Nele, o Conde Orlok não tem qualquer encanto e ainda menos apelo sexual. É uma ratazana assustadora, superiormente encarnada por Max Schrek. Num filme que, por outro lado, é uma das pérolas do expressionismo alemão. E que não perdeu, ainda hoje, qualquer força na arte de induzir pesadelos. Dele ainda se pode fazer aquela clássica apresentação dos filmes de terror – *Tenham medo, muito medo.*

ENTREVISTA COM O VAMPIRO (The Vampire Chronicles)

de Neil Jordan

c/ Tom Cruise, Brad Pitt, Antonio Banderas,
Stephen Rea e Christian Slater

123', cor, Geffen Pictures, USA, 1994

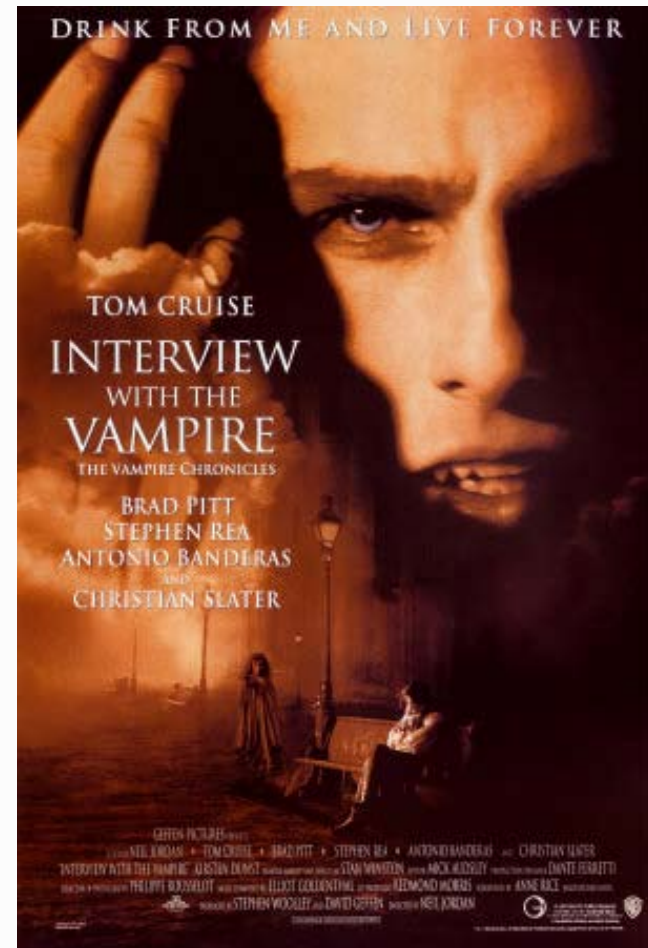
Domingo, 8/08 – 24:00

Em 1772, oito anos depois de Horace Walpole ter publicado o romance fundador da literatura gótica inglesa (**O Castelo de Otranto**), o francês Jacques Cazotte publicou um estranho romance onde o Diabo se apaixona perdidamente por um jovem cavaleiro espanhol e se transforma em mulher para melhor o seduzir.

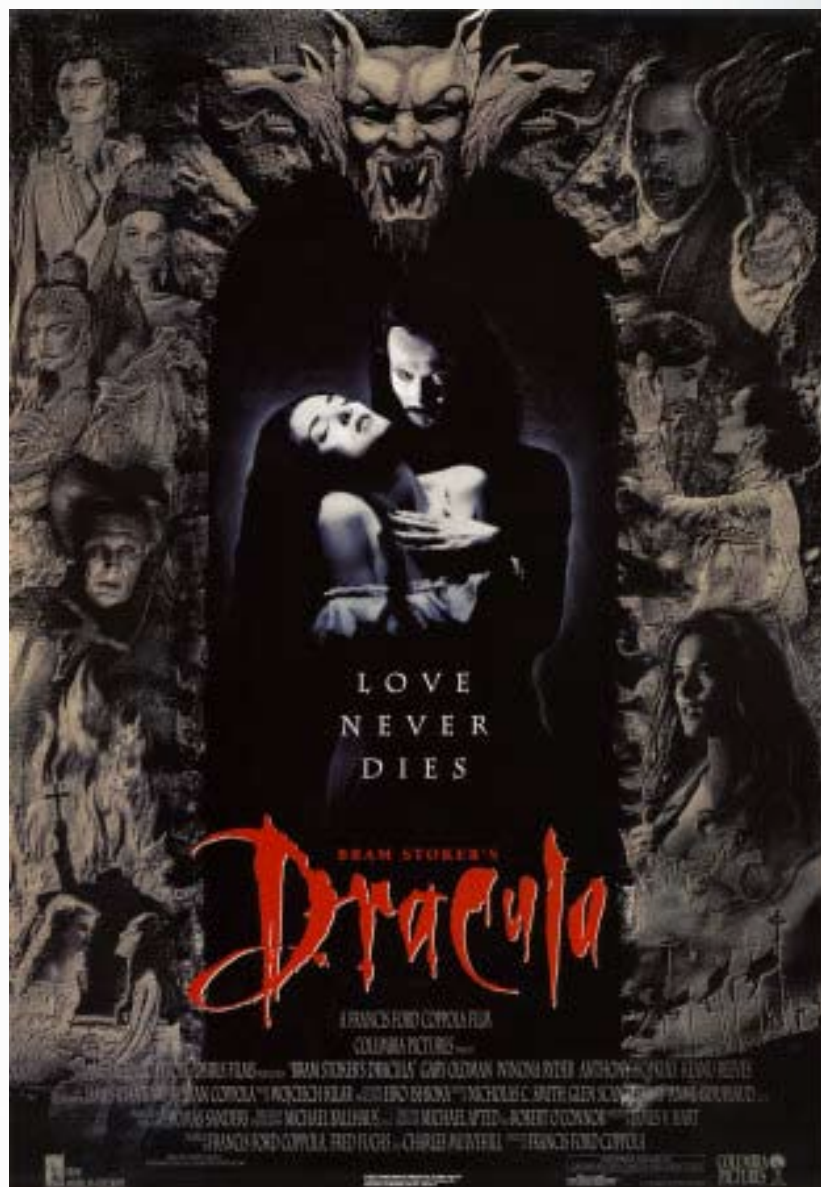
Cazotte que, depois de se tornar Illuminati, se autoproclamou profeta e acabou decapitado em 1792, caiu no esquecimento até ao século XX, altura em que Todorov, o autoproclamado papa-da-literatura, o considerou a origem do fantástico moderno. Verdade ou não, talvez Anne Rice tenha ido buscar a ideia do vampiro homossexual, de onde este filme é extraído, a **O Diabo Enamorado** de Cazotte. Com efeito, se o Conde de Bram Stoker também bebia sangue de homens, mas apenas com funções alimentícias, o Lestat de Anne Rice, pelo contrário, bebe sangue de mulheres quando a sede aperta, mas do que gosta mesmo é de homens.

Diga-se, em abono da verdade, que o **Drácula** de Bram Stoker não tem, no original, a carga erótica que os filmes lhe deram desde que Bela Lugosi o personificou em 1931. E, também em nome da verdade, não se imagina um irlandês católico e vitoriano a falar assim tão expressamente de sexo, quanto mais de homosexo. Nem o irreverente Oscar Wilde se tinha atrevido na sua versão do vampiro que se mantém jovem à custa do envelhecimento d' **O Retrato de Dorian Gray** — e a cuja aura de maldição talvez Anne Rice também não fosse de todo alheia.

Seja como for, nascida em Nova Orleães e estudante em São Francisco nos anos 60, atreveu-se a recriar um mito já muito bem estabelecido na literatura, quando publicou a **Entrevista Com o Vampiro** em 1976. E não se limitou a alterar-lhe a sexualidade, tão ao jeito da provocação



hippie de Frisco. Alterou-lhe profundamente, muito mais importante na dinâmica do gótico, o cenário. Das ravinas dos Cárpatos e das soturnas ruas de Londres, passa para os pântanos da Luisiana e para os becos de Nova Orleães. Do exotismo da Transilvânia, salta para o erotismo do Bairro Francês. E quem melhor que os dois ícones da eterna juventude do momento, Tom Cruise e Brad Pitt, para encarnar a máxima de Lestat: **Drink From Me And Live Forever**.



DRACULA de Bram Stoker

de Francis Ford Coppola

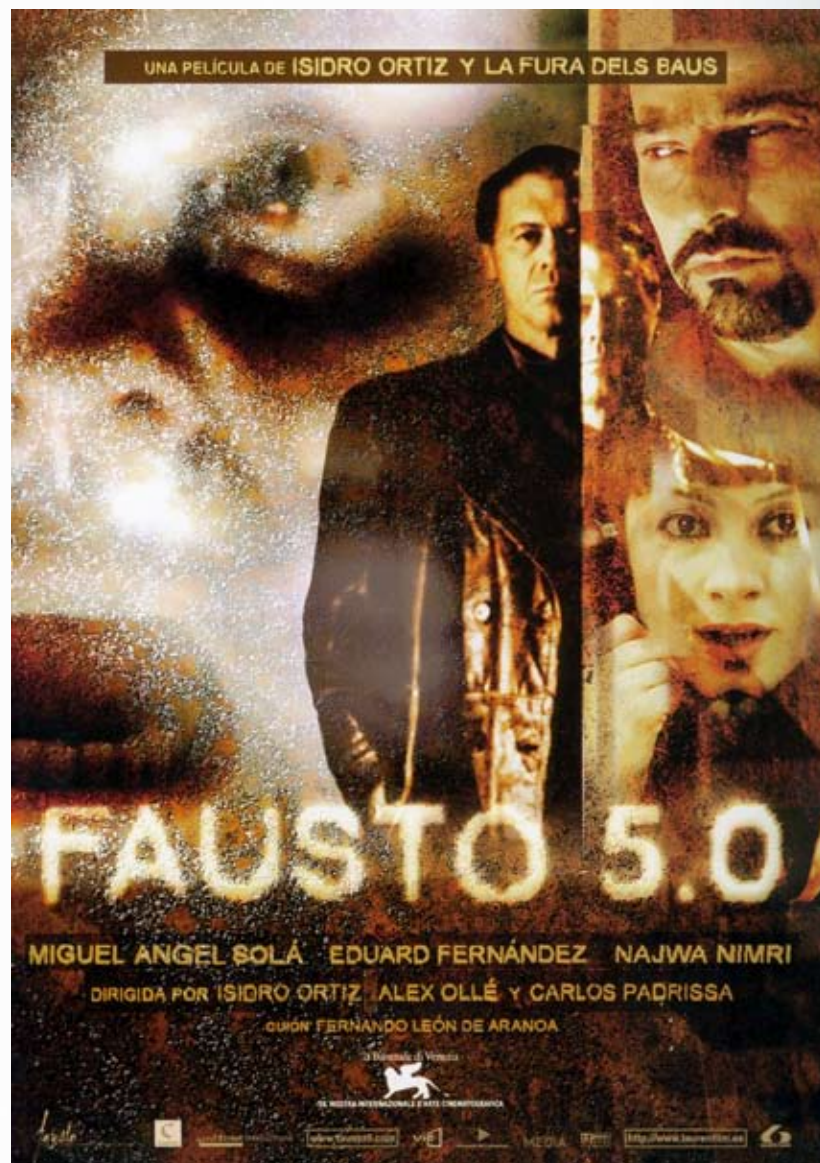
c/ Gary Oldman, Winona Ryder, Anthony Hopkins, Keanu Reeves e Tom Waits

123', cor, American Zoetrope, USA, 1992

Terça, 10/08 – 22:00)

O elenco é de se lhe tirar o chapéu. Plasticamente é uma coisa admirável – arrecadou três óscares técnicos, usualmente os mais certos, guarda-roupa, efeitos especiais e caracterização. Está tudo certo, excepto o título. Bem se imagina que a profusão de títulos sobre o mesmo tema terá criado dificuldades adicionais neste domínio, tão importante para a indústria de Hollywood, como é o cartaz promocional. Contudo, chamar-lhe **Drácula de Bram Stoker**, dando a entender que se trata de uma adaptação fiel do romance, é uma completa falácia. Nada no livro explica a origem da maldição do Conde. No filme é prontamente engendrado um enredo de amor de perdição. Ou seja, um final infeliz.

A promoção garantia que **O Amor Nunca Morre**. Da meditação sobre a maldade humana do verdadeiro **Drácula** de Bram Stoker, não se fica sequer pelo mito da eterna juventude já outras mil vezes explorado. Fica-se apenas pela mais consoladora metáfora do amor eterno. Parece muito pouco para um filme tão belo.

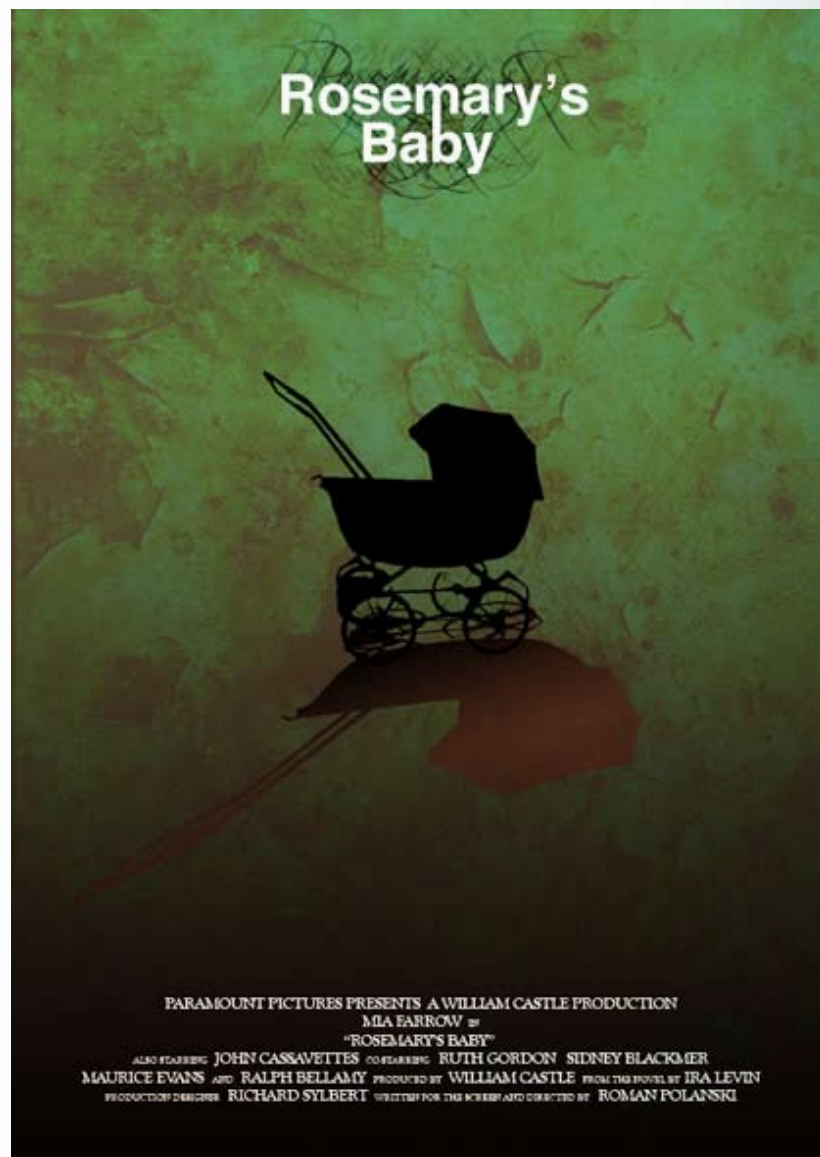


FAUSTO 5.0

de Isidro Ortiz e La Fura dels Baus
c/ Miguel Ángel Solá, Eduard Fernández
e Najwa Nimri
93', cor, Fausto Producciones, Espanha,
2001

Terça, 10/08 – 24:00

Se o vampiro é um mito de cordel, apto a assustar e a atrair, ao mesmo tempo, o leitor comum, o **Fausto** é a versão intelectual do mesmo mito. No fundo, no fundo, o vampiro como que vende a alma ao Diabo em troca da imortalidade. Isto para usar uma linguagem muito corrente, já que a profundidade de campo do **Fausto** de Goethe transcende largamente a simplicidade do mito da eterna juventude. O alemão Goethe, talvez a maior referência da literatura romântica, passou boa parte da sua vida adulta a escrever este épico, na verdade nunca definitivamente acabado. Reduzir uma das obras mais complexas da literatura a um simples filme, não é tarefa fácil. Mas a verdade é que o transporte do mito do Fausto para os tempos modernos resulta. E se, ao contrário do clássico filme de vampiros, não se pretende fazer saltar ninguém da cadeira, ele há momentos em que os truculentos **Fura Dels Baus** parece que saem da contenção dos últimos anos e regressam ao sangue, sexo e morte dos primeiros espectáculos de rua. E dá muito mais que pensar que o redundante morcego com caninos afiados e manhas sexuais, que prolifera na maioria dos filmes de vampiros.



A SEMENTE DO DIABO (Rosemary's Baby)

de Roman Polanski

c/ Mia Farrow e John Cassavetes

130', cor, Paramount, USA, 1968

Quarta, 11/08 – 22:00

A 9 de Agosto de 1969, a então segunda mulher de Polanski foi assassinada, juntamente com mais quatro pessoas, pela célebre Família Manson. Sharon Tate estava grávida. Da conjugação desses dois factos nasceu uma mitologia urbana, quem sabe induzida pelos próprios estúdios, segundo a qual o massacre tinha tido intervenção sobrenatural. Polanski metera-se com o Diabo e este comandara a mão do psicopata Charles Manson. Sabe-se que não, que a escolha das casas foi aleatória. Embora o nome da mulher assassinada na outra casa fosse, muito curiosamente, Rosemary La Bianca.

Polanski iniciara-se na Polónia durante a década de 1950. Na década seguinte começou a receber atenção por dois ou três filmes feitos a partir de França, demasiado europeus, mas ainda assim um deles capaz de arrecadar o Óscar para o melhor filme estrangeiro. Quando, em 1967, realizou **Por Favor Não Me Morda No Pescoço** (The Fearless Vampire Killers or: Pardon Me, But Your Teeth Are In My Neck), uma paródia aos pirosos filmes de vampiros então em grande moda, a produção era já anglo-americana.

Dado o salto para Hollywood, preparava-se para fazer um filme sobre ski, o seu desporto preferido. William Castle, um produtor de filmes de terror de baixo orçamento, convencerá a Paramount a comprar o romance de Ira Levin mesmo antes de ser publicado. E convenceu também Polanski a fazer este assombrado **Rosemary's Baby**.

O filme foi bem recebido pela crítica e um enorme sucesso de bilheteira. Facto um tanto espantoso, tendo em conta que não respeitava os exactos cânones de Hollywood e ainda menos os do cinema de terror. Não há sangue a jorrar, nem gritos escruciantes, nem monstros arrepiantes. Tudo é sugerido, tudo é sussurrado. O que o torna um dos filmes mais assustadores da História do Cinema.



DRACULA (Horror of Dracula)

de Terence Fisher

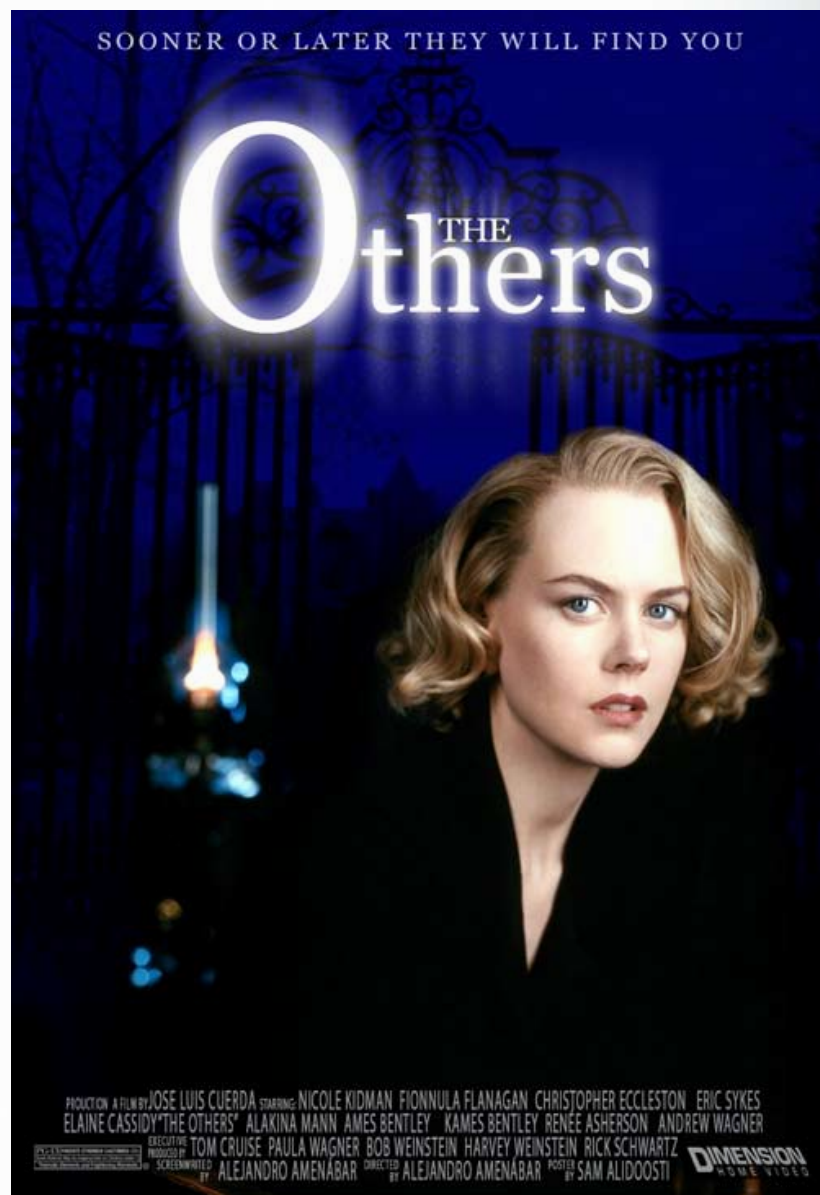
c/ Peter Cushing e Christopher Lee

82', cor, Hammer Film, Reino Unido, 1958

Quarta, 11/08 – 24:00
(legendas em castelhano)

O título original (**Horror of Dracula**) reflecte bem a dificuldade que era, já à época, arranjar um cartaz original para mais uma adaptação do romance de Bram Stoker. E o cartaz é mesmo a coisa mais poderosa do filme, com o Conde Drácula a transportar uma mulher inanimada nos braços. Isso e a notável representação de Christopher Lee, o único depois de Schrek e Lugosi a criar uma iconografia própria para o Conde. Um Drácula de poucas falas e muito sangue, a cores, um aspecto gráfico que foi um dos seus principais factores de sucesso. O que não o impede de, por outro lado, ser talvez a mais fiel adaptação do romance de Stoker. Do ponto de vista do enredo, bem entendido.

Quando Polanski realizou **Por Favor Não Me Morda No Pescoço** (1967) o alvo desta comédia negra era a Hammer Film (que existia desde 1934, mas que apenas em 55 começou a produzir filmes de terror) e, em particular, este filme de Terence Fisher. Que, em 1966, realizaria outro grande sucesso com Christopher Lee, **Drácula, o Príncipe da Trevas**, cuja principal característica reside no facto do Conde ser mudo – não diz uma única palavra durante todo o filme. Mas também, como diria o outro, isto funciona como nos filmes pornográficos. Com tantos salpicos de sangue, tanto sexo implícito e tanto truque de arrepiar, quem é que precisa de diálogos?



OS OUTROS

de Alejandro Amenábar

c/ Nicole Kidman, Fionnula Flanagan
e Chris Eccleston

100', cor, Studio Canal, USA/Espanha, 2001

Quinta, 12/08 – 22:00

O discreto prodígio que dá pelo nome de Alejandro Amenábar, escreveu e realizou este filme. E ainda compôs, orquestrou e dirigiu a música. Nascido em 1973 em Santiago do Chile, tinha um ano quando Pinochet chegou ao poder e obrigou a família, refugiada da Guerra Civil, a regressar a Espanha. Demonstando mais uma vez que nesse reino, ainda para nós tão estrangeiro, o cinema se não resume ao franchising Almodóvar, Amenábar lançou **Abre os Olhos** em 1997 e conseguiu um estrondoso sucesso de bilheteira. Tom Cruise, que precisava desesperadamente de demonstrar que não era apenas mais uma cara bonita, co-produziu uma adaptação americana (**Vanilla Sky**), onde se esconde por trás de uma máscara durante praticamente todo o filme. Relação estabelecida, nesse mesmo 2001 co-produziu também este primeiro filme em inglês de Amenábar, com a big star Nicole Kidman, que aqui alcança um dos papéis mais admiráveis da sua já longa representação.

À boa maneira, não do terror, mas do melhor suspense, tudo é velado, tudo é escondido, tudo se passa na obscuridade de uma casa isolada numa ilha igualmente isolada. Para que a luz não perturbe as crianças, todas as cortinas devem permanecer fechadas e nenhuma porta é aberta antes que a anterior seja fechada.

Em rigor, é o filme deste ciclo que mais se aproxima do cânone do primeiro gótico inglês do século XVIII: castelos medievais ou casas muito antigas, com muitas histórias escondidas no aparente silêncio das paredes, longos e tortuosos corredores, subterrâneos, passagens secretas, espectros do passado, aparições do presente, sombras, sussuros, mundos paralelos de mortos e de vivos que se cruzam, apossados por inenarráveis maldições, no mesmo espaço-tempo. Se acredita, acredite que, tal como diz a promoção do filme, *mais cedo ou mais tarde eles vão encontrá-lo*.

THE MACABRE MASTERPIECE OF TERROR!



(in starring) HAZEL COURT - OLIVE STURGESS - JACK NICHOLSON
 Screenplay by RICHARD MATHESON • Executive Producers JAMES H. NICHOLSON - CARROLL E. ARNOLD • Music by LES BARTLEY • An AMERICAN INTERNATIONAL Picture

O CORVO

de Roger Corman

c/ Vincent Price, Boris Karloff, Peter Lorre e Jack Nicholson

86', cor, Alta Vista, USA, 1963

Quinta, 12/08 – 24:00

(s/ legendas)

Nascido em 1926, Roger Corman, fez de tudo no cinema. Entre outras actividades menores, desde 1954 até agora (Julho de 2010) produziu 389 filmes, realizou 56, escreveu meia dúzia e foi actor em 33 (alguns não creditados). Descobriu actores como Robert de Niro, Peter Fonda, Dennis Hopper e Jack Nicholson. Dos muitos realizadores que com ele debutaram contam-se, entre todos, Francis Ford Coppola, John Landis, Jonathan Demme, Martin Scorsese, Peter Bogdanovich e James Cameron.

O cinema, americano e não só, não era o que é sem Roger Corman. Nunca precisou de centenas de milhões para efeitos especiais – fazia-os, muitas vezes, ele mesmo. Nem de estrelas pré-fabricadas – ele é que as fabricava. E a outros, considerados menores, deu-lhes a dignidade que lhes faltava. Sem ele, o grande Vincent Price seria hoje recordado como um vistoso canastrão com uma voz espantosa.

Ele retribuiu. As suas sincréticas representações de personagens de Poe (de que se devem destacar **A Queda da Casa de Usher**, 1960 e **O Túmulo de Ligeia**, 1964) ajudaram Corman a tornar-se um realizador de culto. E não apenas pelos seus desregrados splatter (ou gore). Dos quais, o mais famoso é **A Pequena Loja dos Horrores**, de 1960, que se tornou o paradigma do filme de baixo orçamento.

Se Ed Wood era um patético desajustado, Corman sabia muito bem o que estava a fazer. Talvez tenha sido Tarantino quem melhor aproveitou a lição quando fez **Os Cães Danados** (Reservoir Dogs, 1992). Lição que vem novamente explicada no livro com Jim Jerome **How I Made a Hundred Movies in Hollywood and Never Lost a Dime** (1998). Neste **O Corvo**, embora nada por aí além, já fazia filmes com melhores orçamentos. De uma adaptação muito livre do poema de Edgar Allan

Poe (1845), Corman faz uma comédia negra onde põe no mesmo palco três dos nomes mais sagrados do gótico clássico: Vincent Price, Boris Karloff e Peter Lorre (só falta mesmo o Bela Lugosi, que aliás entra noutra versão da Universal, de 1935, também com Karloff, dirigida por Lew Landers).

E, justificando ainda mais a escolha para este ciclo de uma paródia ao próprio gótico, **O Corvo** de Edgar Allan Poe tornou-se como que o ícone sagrado de simbolismos e ultra-romantismos, desde que Baudelaire e Mallarmé recriaram o poema para francês (entre nós a versão mais notável é de Fernando Pessoa).

Vamos lá não ter medo? E o corvo disse – *Nunca mais*.

DRACULA

de Tod Browning

c/ Bela Lugosi e Helen Chandler

82', p/b, Universal, USA, 1931

Sexta, 13/08 – 22:00

Carl Lammle tinha adquirido os direitos do **Drácula** de Bram Stoker quando fundou a Universal em 1915. No entanto, puritano como era foi adiando o projecto e, quando o seu filho finalmente o convenceu, o tempo do mudo acabara e este **Drácula** acabou por ser o primeiro sonoro de terror. Mas voltemos um pouco atrás, dada a importância deste filme na História do Cinema e, em particular, do filme gótico.

Se Bram Stoker nunca conseguiu levar o seu romance à cena, o actor-produtor Hamilton Deane pegou na ideia em 1924 e comandou uma adaptação popular. O malvado Conde foi transformado numa espécie de mágico de vaudeville. Se a crítica o vilipendiou, o público fez longas filas para comprar o bilhete. Tanto sucesso despertou o interesse da Broadway. E a escolha do vampiro recaiu em Bela Lugosi, um húngaro exilado que decorava foneticamente os papéis por ainda não saber patavina de inglês. Contudo, aquele seu ar extático de aristocrata europeu e o seu terrível inglês contribuíram decisivamente para o sucesso, sobretudo junto da romântico-lacrimante audiência feminina.

O espectáculo correu os EUA e chamou a atenção de Carl Lammle Jr. que, apesar do sucesso em palco de Lugosi, queria para o papel Lon Chaney, **O Homem das Mil Caras**, um actor da casa que já tinha protagonizado muitos filmes rentáveis para a Universal (nomeadamente **O Fantasma da Ópera**, dirigido por Rupert Julian em 1925 e que facturou os incríveis mais de dois milhões de dólares). Ele há coisas do Diabo e Chaney morreu em 1930, obrigando a Universal a ficar, para bem dos nossos muitos pecados, com Bela Lugosi.

É que Lon Chaney não se teria contentado com uma capa e um batôn pretos. Talvez desse um vistoso vampiro, com enormes e pontiagudos caninos, mas não teria a subtilidade nem aquelas falas doces e aterroradoras



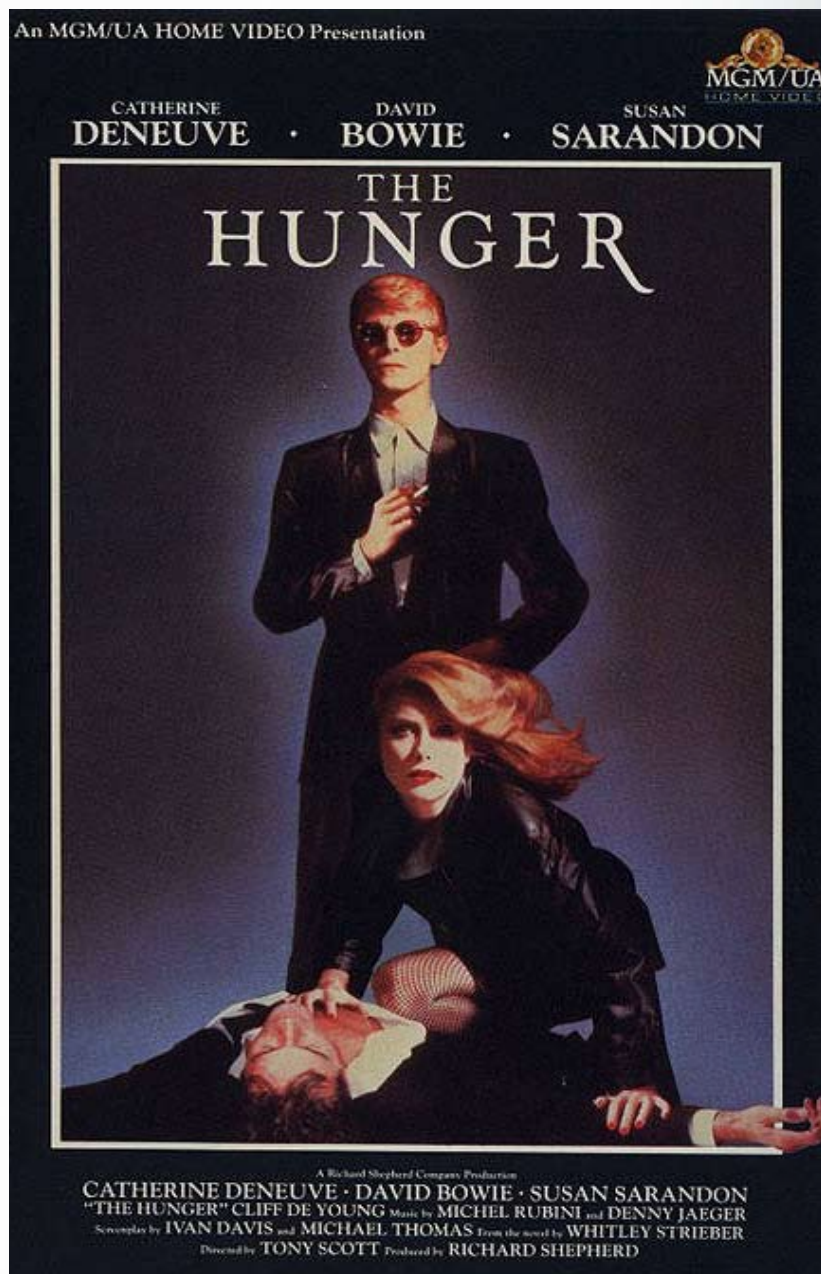
de Lugosi. Que, para todo o sempre, fixaram o arquétipo do vampiro cinematográfico. Se os actores mais modernos (como Gary Oldman no Coppola de 1992) representam, por assim dizer, contra Lugosi, a verdade é que é praticamente impossível não estabelecer comparações, tal a força do seu Conde Drácula.

Inicialmente, a ideia da Universal era fazer uma nova e menos trauliteira adaptação do romance. Contudo a débâcle de 1929 obrigou o estúdio a apertar o orçamento e acabou por usar a adaptação da adaptação de Horace Liveright para a Broadway.

A realização é de Tod Browning, um veterano do mudo que se dá mal com a maquinaria do sonoro. Porém, se isso é por vezes evidente, a verdade é que as longas cenas em silêncio acabam por dar um especial encanto ao resultado final. Paralelamente à versão em inglês, os sets eram aproveitados durante a noite para fazer uma versão em castelhano, a cargo de George Melford, que é usualmente considerada melhor que a de Tod Browning. Excepto, é claro, no que toca ao actor principal. E, deve acrescentar-se, no que toca à cinematografia (ou direcção fotográfica) de Karl Freund, um alemão que trabalhara com a nata do expressionismo alemão, razão porque este Drácula tem aquela ambiência fantasmagórica que faz lembrar o *Nosferatu* de Murnau. Consequência tanto mais notória na versão muda que, pelo facto da maioria das salas ainda não terem equipamento sonoro, a Universal se viu obrigada a distribuir.

Para Lugosi este foi o primeiro e último grande filme da sua vida. Demasiado conotado com o vampiro, viu-se arrumado numa prateleira. Para se manter morto-vivo, em vez de sangue, injectava heroína, o que acabou por o levar a uma morte prematura. Não sem antes ter feito uns patéticos filmes com Ed Wood, muito bem retratados pelo realizador mais gótico dos tempos modernos, Tim Burton, no seu filme biográfico de 1994.

Numa das suas últimas entrevistas, Bela Lugosi deixou dito: *Drácula foi uma benção e uma maldição, e o Drácula nunca morre*. Pois não, pelo menos o seu Drácula. E não é por falta de tentativas.



FOME DE VIVER (The Hunger)

de Tony Scott

c/ David Bowie, Catherine Deneuve
e Susan Sarandon

92', cor, MGM, USA, 1983

Sábado, 14/08 – 22:00

O inglês Tony Scott vinha de fazer duas curtas, um episódio para a TV, e muitos clips e anúncios publicitários (tal como o irmão Ridley Scott). Queria a **Entrevista Com o Vampiro** (que só viria a sair em 1994), mas acabou por realizar este **The Hunger**. Que, embora rapidamente se viesse a tornar um filme de culto, na altura foi um grande flop de críticas e bilheteiras. Ao contrário do seguinte, o xaroposo **Top Gun** (1986). Mas adiante.

A sua técnica de video clip, se é ainda hoje muito refrescante, cria por vezes embaraços desnecessários ao fluir da magnífica história. A escolha da Deneuve, então com 40 anos que pareciam pouco mais de 20, foi perfeita. Uma francesa sofisticada em NY, uma pele tão clara e um talhe de cara de fazer doer a vista, ligam bem com a intelectual americana Susan Sarandon, uma cientista que faz pesquisas sobre a duração da vida humana, do envelhecimento precoce de uns, da inexplicável durabilidade de outros. Que é exactamente do que trata o filme.

Estávamos nos anos 80, em pleno advento da cultura yuppie, o mito da eterna juventude no auge do seu esplendor de optimismo. Assim sendo, para o papel masculino não podia haver melhor escolha que David Bowie, ainda por cima no exacto ano em que representou no seu melhor filme – **Feliz Natal Mr. Lawrence** (de Nagisa Oshima).

E é preciso não esquecer o início do filme com Peter Murphy dos Bauhaus a cantar **Bela Lugosi Is Dead** atrás de uma rede metálica num clube povoado de sombras. Só isso já quase que valia este filme plasticamente superior.

A FELINA (Cat People)

de Paul Schrader

c/ Nastassia Kinsky e Malcom McDowell

118', cor, Universal, USA, 1982

Domingo, 15/08 – 22:00

Paul Schrader começou por ser um argumentista de peso: entre muitos outros, escreveu **Yakuza** (1974) de Sydney Pollack, e **Taxi Driver** (1974) e **Raging Bull** (1980) de Martin Scorsese. Também já tinha realizado dois (**Blue Collar**, 1978 e **Hardcore**, 1979), antes de ganhar muito dinheiro com **American Gigolo** (1980). De maneira que tinha créditos bem firmados em Hollywood quando aceitou fazer, para a Universal, este remake do filme de Jacques Tourneur com o mesmo título (1942).

Cat People sai fora do habitual street level dos filmes anteriores e parte em busca de uma realidade superior, a da fábula intemporal, isto para usar as palavras do próprio. Num filme onde tinha carta branca para gastar à vontade e que foi o canto do cisne da sua relação com a grande indústria de Hollywood. Tanto dinheiro disponível é notório nos cenários grandiosos dirigidos pelo italiano Ferdinando Scarfiotti (que, entre outros, trabalhara já com Visconti, Bertolucci e mesmo no **American Gigolo**). A importância dada por Schrader a este aspecto do filme foi tal, que tentou pôr na ficha técnica o nome de Scarfiotti ao lado do seu, coisa que os estúdios não permitiram. Porém, desde o genérico se percebe que a dimensão plástica tem aqui um papel preponderante. Juntamente com a protagonista, Nastassia Kinsky, no magnífico papel de virgem etérea e credível (as palavras são, mais uma vez, de Schrader). Bem assim a banda sonora de Giorgio Moroder, cujo tema principal David Bowie (que hoje conta já com 268 participações em bandas sonoras) letrou e cantou.

Schrader queixa-se, ainda hoje, de não lhe ter mudado o título. Sem ele talvez os críticos, quase sempre sem assunto para as suas rábulas muitas vezes encomendadas, não tivessem desatado a fazer comparações entre



o original e este longínquo remake. Na verdade, só a história de DeWitt Bodeen e, vá lá, a cena da piscina, são as mesmas. O resto é o auge da perturbadora beleza felina (e fatal) da Kinsky. Que arrebatou o filme e os corações. Quer do público, quer do próprio Schrader, que deu cabo da vida por causa dela.

A SOMBRA DO VAMPIRO

de E. Elias Merhige

c/ John Malkovich e Willem Dafoe

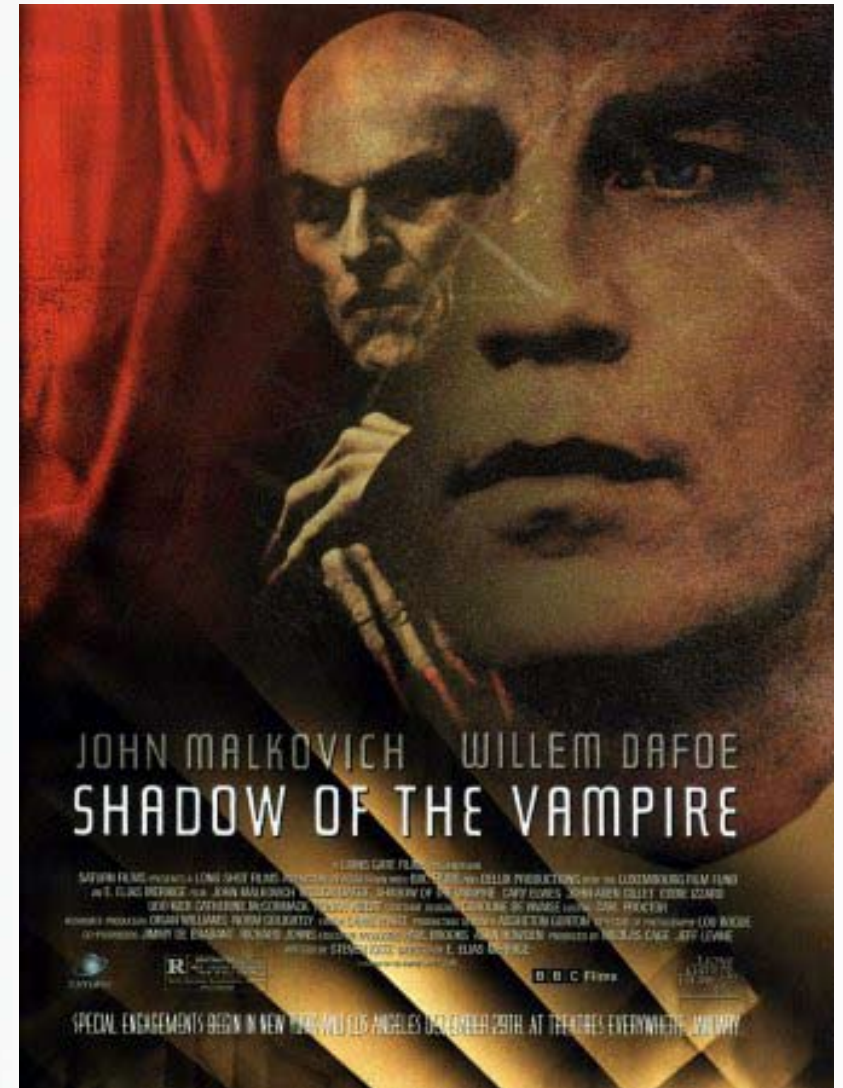
91', cor, Saturn, USA, 2000

Domingo, 15/08 – 24:00

A Apesar de retirado de cartaz por não ter pago os direitos de autor à viúva de Bram Stoker, o **Nosferatu** de Murnau ganhou rapidamente uma aura de maldição e de lenda. Corriam sobretudo histórias mirabolantes sobre o actor que encarnou a personagem do Conde Orlok, o alemão Max Schreck.

Uma assegurava que era um nome inventado para resguardar o verdadeiro actor, que não queria ser reconhecido debaixo da caracterização de um vampiro com unhas de réptil e cara de rattus norvegicus. Seria então, na realidade, Alfred Abel, um actor muito utilizado por Murnau. O problema é que na comédia **As Finanças do Grão-Duque** (Murnau, 1924), os dois aparecem juntos, o que mata definitivamente essa lenda. Outra ainda mais espantosa assegurava que Schreck (que, em alemão, significa susto, ou espanto) era um vampiro verdadeiro que Murnau teria assegurado no casting, não a troco de dinheiro, mas da possibilidade de dar uma dentadinha no belo pescoço da heroína do filme, Greta Schroeder.

Werner Herzog, no auge do neo-expressionismo alemão, resolvera homenagear o seu mestre Murnau, fazendo um praticamente fiel remake com **Nosferatu O Fantasma da Noite** (1979, com Klaus Kinski e Isabelle Adjani). Merhige parte daquela lenda sem pés nem cabeça e faz dela um filme notável. Com Malkovich sempre a voar tão alto que até parece um direito adquirido pelo espectador, Dafoe acaba por receber praticamente todos os louros com a especialmente bem caracterizada representação de Schreck-Vampiro. Uma excelente forma de acabar este ciclo, justamente iniciado com o **Nosferatu** de Murnau. Uma homenagem, não apenas ao grande Friedrich Wilhelm, mas sobretudo ao expressionismo alemão. Sem o seu jogo de luzes e



de sombras, o cinema gótico nunca seria o que o hoje é – uma coisa muito bonita de se ver. Mesmo para quem não gosta de fantasmas e de vampiros.

